

SITUACIONALIDADE DA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA: UM PENSAR HEIDEGGERIANO

Situationality of religious experience: a Heideggerian thinking

Nelson Cortes Pacheco Junior¹

RESUMO

A obra proveniente do pensamento de Martin Heidegger é de uma profundidade ímpar, abarcando os mais variados aspectos da nossa vivência. Um deles faz referência aos modos de ser que compartilham a experiência cotidiana. Nesse contexto, o ainda jovem professor Heidegger, como aluno e docente, em Friburgo na Alemanha se debruçou sobre a temática da experiência fática da vida mediante o fenômeno da religiosidade cristã. Tais reflexões contribuíram para a elaboração especialmente de três preleções que em conjunto constituem o volume 60 de suas Obras Completas – Fenomenologia da vida religiosa. Assim nesse artigo, a partir da obra citada, buscamos refletir em relação ao como do acontecer da experiência religiosa de maneira situada. Com isso, no primeiro momento abordamos a questão da experiência fática da vida religiosa e como ela se dá no mundo. Já no segundo momento, mediante a interpretação das Epístolas Paulinas são apresentados o acontecer cotidiano do fenômeno da proclamação e a partir deste o ter-se-tornado cristão proveniente da experiência religiosa originária vivenciada pelo apóstolo Paulo.

Palavras- chave: Experiência fática; Mundo; Proclamação; Ter-se-tornado.

ABSTRACT

The work originating from the thoughts of Martin Heidegger is of unique depth, covering the most varied aspects of our experience. One of them refers to the ways of being that share everyday experience. In this context, the still young professor Heidegger, as a student and teacher, in Freiburg, Germany, focused on the theme of the factual experience of life through the phenomenon of Christian religiosity. Such reflections contributed to the elaboration especially of three lectures that together constitute volume 60 of his Complete Works – Phenomenology of religious life. Thus, in this article, based on the work, we seek to reflect on the how of the religious experience in a situated way. With this, we first address the issue of the factual experience of religious life and how it occurs in the world. In the second moment, through the interpretation of the Pauline Epistles, the daily occurrence of

¹ Doutorando em Geografia na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: ncpj35@gmail.com
CADERNOS PET, V. 15 , N. 29 ISSN: 2176-5880



the phenomenon of proclamation is presented and from this the becoming Christian arising from the original religious experience experienced by the apostle Paul.

Keywords: Factual experience; World; Proclamation; Have-become.

REVERBERAÇÕES INICIAIS

Pensar a vivência religiosa para além dos aspectos teológicos, buscando refletir sobre o modo como se dá a experiência religiosa de maneira originária: esse é o intuito do presente artigo, abordando os caminhos propostos por Martin Heidegger (1889-1976), expostos na obra *Fenomenologia da vida religiosa*. Embora composta tendo como referência, inicialmente, a experiência fática religiosa originária cristã, revela aspectos que podem ser debatidos para além dos limites do modo de ser cristão, abarcando com isso outras formas de religiosidade. Quando nos propormos a citar a palavra limite, entendemos a mesma não como uma fronteira que indica o fim de um dado modo, mas o início de um novo que em determinadas situações podem se interpenetrarem (Heidegger, 2018a).

Fenomenologia da vida religiosa, consta na primeira parte do volume das Obras Completas (*Gesamtausgabe*) de Martin Heidegger, que foi planejada pelo próprio autor em 1974, a qual, segundo Kirchner (2012), foi supervisionada pelo professor Wilhelm von Herrmann (1934-2022) e, após o falecimento de Heidegger, acompanhada também por seu filho Hermann Heidegger (1920-2020).

Conforme explica Claudius Strube no posfácio à preleção do semestre de verão de 1921 e das notas de trabalho e esboços de 1918/1919², o título do volume que estamos abordando, nasce dos escritos do próprio Heidegger, encontrado em um de seus cadernos dedicados aos estudos referentes à fenomenologia da religião entre os anos de 1918 e 1919. O título dos estudos em questão era “Fenomenologia da consciência religiosa”. Segundo Strube, ao analisar detalhadamente os escritos, notou que Heidegger riscou a palavra consciência do título substituindo-a por vida.

Assim, *Fenomenologia da vida religiosa*, foi publicada pela primeira vez na Alemanha em 1995, com o título original: *Phänomenologie des religiösen lebens*. No

² Parte integrante do livro *Fenomenologia da vida religiosa* de autoria de Martin Heidegger, com a primeira edição original em 1995.

Brasil, a obra foi traduzida e publicada em 2010 pela Editora Vozes, possuindo como tradutores os professores Enio Paulo Giachini, Jairo Ferradin e Renato Kirchner. O livro é estruturado em três grandes textos (preleções), sendo estes: “Introdução à fenomenologia da religião” (1920/1921); “Agostino e o Neoplatonismo” (1921) e os “Fundamentos filosóficos da mística medieval” (1918/1919).

Adentrando nas particularidades que permeiam as preleções citadas, Mattias Jung e Thomas Regehly, editores da edição alemã de 1995³, no posfácio das preleções do semestre de inverno de 1920/1921, abordam que a *Introdução à fenomenologia da religião* foi ministrada por Heidegger na Universidade de Freiburg na Alemanha entre outubro de 1920 a fevereiro de 1921. Porém o manuscrito original da preleção foi perdido, sendo possível a reconstrução dos escritos de forma próxima ao pensamento de Heidegger, bem como o seu teor literal, graças a cinco anotações. Dentre estas, três são consideradas como base para os textos apresentados, realizadas pelos professores Oskar Becker (1889-1964), Franz-Josef Brecht (1889-1982) e Helena Weiss (1898-1951), que se encontram no Arquivo da Literatura Alemã de Marbach am Neckar.

No processo de reconstrução do texto, foram acrescentados apontamentos manuscritos provenientes de Heidegger que também se encontram no Arquivo da Literatura Alemã de Marbach am Neckar. Todo esse esforço de reconstrução do texto se deve à importância da preleção, considerada fundamental para a reflexão em relação ao pensamento heideggeriano no período.

A partir dessa preleção Heidegger idealiza um pensamento crítico em relação à filosofia da religião concebida por Ernst Troeltsch (1865-1923), buscando apresentar o modo como se desvela a experiência fática da vida religiosa mediante sua historicidade. Para essa tarefa, Heidegger realiza a interpretação de determinadas passagens presentes na Bíblia Sagrada, mais especificamente nas Epístolas direcionadas aos Gálatas e aos Tessalonicenses, ambas escritas pelo Apóstolo Paulo (05 d.C-67 d.C). Nelas, o filósofo busca, a partir da vivência e das pregações proferidas pelo apóstolo, pensar o modo de ser da religiosidade cristã originária e o caráter da realização fática da vida.

³ Parte integrante do livro *Fenomenologia da vida religiosa* de autoria de Martin Heidegger, com a primeira edição original em 1995.



A segunda preleção, intitulada **Agostinho e o Neoplatonismo**, foi proferida durante o semestre de verão de 1921. Como afirma Claudius Strube, em algumas partes onde não foi possível descrever o manuscrito, foram utilizadas para complementá-lo as anotações de Oskar Becker, Fritz Schalk (1902-1980) e Karl Löwith (1897-1973). Desta preleção destaca-se a interpretação do Livro X das Confissões de Agostino de Hipona (354-430), no qual Heidegger, a partir a interpretação das fenomenológica das três tentações, elaborara a análise do estado de decadência do ser-aí (*Dasein*), que aparece posteriormente em *Ser e Tempo* (Heidegger, 2018b).

A terceira preleção é intitulada **Os fundamentos filosóficos da mística medieval**, escrita para ser lecionada no semestre de inverno de 1919/1920. Segundo Kirchner (2012), a mesma não ocorreu devido aos acontecimentos pertinentes à 1ª Guerra Mundial (1914-1918). Há, no contexto dessa preleção, a abordagem de diversas temáticas como a questão da fé, o sagrado e a vivência religiosa.

O período que compreende os anos de 1918 a 1921, pode ser considerado como um dos pontos altos dos estudos heideggerianos referentes à fenomenologia da religião. Mesmo assim, durante décadas tanto Heidegger como Husserl não eram referenciados no âmbito da fenomenologia da religião (Kirchner, 2012). Apesar da fama atribuída a Edmund Husserl (1859-1938) e aos seus alunos de não abordarem em seus estudos a temática religiosa, ele os incentivava a refletirem em relação ao tema, entre eles o próprio Heidegger e Edith Stein (1891-1942). Para além dos incentivos, até aquele momento em sua trajetória, Heidegger possui relação com a temática, pois já tinha publicados diversos textos, vindo de uma formação teológica.

O objetivo deste artigo é problematizar alguns aspectos presentes em Fenomenologia da vida religiosa, voltados para a compreensão da vivência religiosa no cotidiano. Nesse sentido, na primeira parte apresentamos a pensamento de Heidegger em relação à experiência fática da vida religiosa e como esta se desvela na vivência no mundo. A segunda parte será dividida em dois momentos: no primeiro nos detemos na interpretação fenomenológica da Epístola aos Gálatas⁴ na qual, além das determinações fundamentais da religiosidade cristã, nos é apresentado o fenômeno da proclamação. No segundo momento,

⁴. BÍBLIA. “Gálatas”. Português. In: *Bíblia King James 1611*. Tradução de Esdras Bento e Cláudio Rodrigues. Niterói: BV Books Editora, 2023. p. 1823-1832.

o foco será a abordagem feita por Heidegger em relação à Epístola aos Tessalonicenses⁵⁶, na qual o autor apresenta o entendimento de situacionalidade e do ter-se-tornado a partir da experiência religiosa originária vivenciada pelo Apóstolo Paulo.

A VIVÊNCIA DA EXPERIÊNCIA FÁTICA DA VIDA RELIGIOSA

Como abordamos inicialmente, Martin Heidegger se propôs a pensar o fenômeno não a partir de modelos ou de um dado *a priori*. Há, em suas reflexões a busca pelo entendimento do fenômeno, mediante a existência no seu constante velar e desvelar. Na sua concepção para tal tarefa é fundamental a experiência fática da vida. Ao pensar na questão da experiência, Heidegger, buscou esclarecer que a mesma não se restringe a um tomar conhecimento de algo, onde a partir desse conhecer, pudéssemos estabelecer modelos nos quais os fenômenos pudessem ser “encaixados”, ou seja, condicionado a nossa reflexão sobre uma dada situação (Heidegger, 2014).

É pela nossa condição de sermos ser-ai, que a experiência fática da vida se desvela no decorrer da vivencia mediante ao confrontar-se com o que é experimentado. Essa situação contribui para que ao se vivenciar um dado fenômeno, passemos a ter um modo tanto ativo como passivo de ser e estar no mundo (Heidegger, 2014, 2018b). Nesse contexto a experiência fática da vida vai estar relacionada com a nossa própria existência, o *Dasein* que somos, sendo ele “esse ente que cada um de nós mesmo sempre somos” (Heidegger, 2018b, p.43), no mundo.

O entendimento em relação ao mundo, em Fenomenologia da vida religiosa, é um caminho possível para se refletir sobre o fenômeno religioso. Pois sendo ele desvelado no cotidiano mediante a um dado modo de ser, ele não se dará no nada, ou de maneira apenas teórica, pelo contrário, ele se desvela para nós a partir da nossa vivência no mundo.

A temática em relação ao mundo atravessa toda a obra heideggeriana, tanto explícita como implicitamente. Heidegger, no início da Fenomenologia da vida religiosa, no § 3,

⁵ BÍBLIA. “1 Tessalonicenses”. Português. In: *Bíblia King James 1611*. Tradução de Esdras Bento e Cláudio Rodrigues. Niterói: BV Books Editora, 2023. p. 1875-1880.

⁶ BÍBLIA. “2 Tessalonicenses”. Português. In: *Bíblia King James 1611*. Tradução de Esdras Bento e Cláudio Rodrigues. Niterói: BV Books Editora, 2023. p. 1885-1888.



apresenta a questão do mundo (*Welt*), que é apresentado como algo onde podemos viver, onde ocorre o nosso relacionar com o outro e onde o experimentado ocorre. Diferentemente de outras proposições, o mundo não é entendido como objeto, até porque, segundo Heidegger (2018b), não é possível viver em um objeto.

Não apenas § 3, mas em todo o livro, a questão do mundo é abordada, bem como o nosso modo de ser que está articulado ao mundo circundante (*Umwelt*), que se constitui em “aquilo que nos vem ao encontro, ao qual pertencem não apenas as coisas materiais, mas também objetualidades, ideias, ciências, artes, etc.” (Heidegger, 2014, p. 16). É nesse compartilhamento que temos a possibilidade de viver o fenômeno religioso, pois tanto podemos ir ao encontro ao que consideramos sagrado, como este pode vir até nós.

Assim, quando do acontecer de uma dada religiosidade, existe a possibilidade de não vivenciarmos a mesma de maneira isolada, principalmente quando pensamos a experiência cristã, mas a partir de relações compartilhadas com o outro. Esse mundo compartilhado (*Mitwelt*), é uma das características da experiência fática entre as pessoas, compartilhando suas vivências. No decorrer das preleções, Heidegger, pontua a importância desse outro no cotidiano e no acontecer do modo religioso, ele anos mais tarde em *Ser e Tempo*, vai explicitar essa participação do outro em nosso modo de viver:

Os “outros” não significam todo o resto dos demais além de mim, do qual o eu se isolaria. Os outros, ao contrário, são aqueles dos quais, na maior parte das vezes, não se consegue propriamente diferenciar, são aqueles entre os quais também se está (Heidegger, 2018, p.174a).

Fato que reforça uma outra característica do *Dasein* de sermos sempre ser-com no mundo, questão que abordaremos mais adiante. Podemos considerar esse um fator fundamental no modo de ser da religiosidade cristã, onde este outro é subentendido em um dado contexto, pois ele também é ser-com. Então, no âmbito da experiência fática religiosa, vivenciamos com o que nos circunda e compartilhamos experiências, mas também, temos a nossa própria vivência, o nosso modo de ser, o mundo próprio (*Selbstwelt*).

Ao vivenciarmos um dado fenômeno, nesse caso enfatizando o religioso, o nosso experimentar carrega consigo, o que Heidegger aborda no §3 da *Fenomenologia da vida religiosa*, o caráter da significância. A significância se desvela a partir da abertura que

decorre do nosso cotidiano. Ela ocorre de maneira distinta para cada um de nós, pois cada pessoa possui seu modo de ser que lhe é próprio. Quando tal consideração para o contexto da experiência fática da vida religiosa, por mais que vivamos uma dada religiosidade compartilhando esta com os outros, a experiência vivida por cada um será desvelada de maneira diferente. Por exemplo, a manifestação do sagrado pode ocorrer para mim e não para o outro, mediante ao entendimento do que cada um considera como sendo sagrado. Com isso o fenômeno ao ser vivenciado, pode desvelar determinados aspectos do seu acontecer para uns e não para outros.

Nesse sentido no §4, é enfatizado que o tornar consciente da experiência religiosa, só é possível quando a mesma é experienciada. Ao refletirmos sobre essa questão é possível pensar o porquê da diversidade dos modos de ser religiosos existentes, inclusive no âmbito cristão, pois cada experiência é vivenciada de maneira única por cada religioso.

Antes de prosseguirmos para a próxima seção do artigo, é importante ser colocada a seguinte questão: qual o sentido de experiência, Heidegger, elegeu para interpretar a vivência religiosa? Em Fenomenologia da vida religiosa, predominantemente a sua reflexão em relação a experiência é no sentido de *Erfahrung*, que tem essa característica mais como exterior e que nós vivenciamos tanto passivamente, quando algo nos atravessa sem que o buscássemos (o sobrenatural religioso), e também ativamente, quando vamos em busca desse algo das mais variadas maneiras possíveis. (Julião; Kirchner, 2016; Heidegger, 2014, 2024).

Ressaltando que essa reflexão em relação a experiência fática não está baseada apenas em teorias, ou ao fato de termos conhecimento sobre a mesma, mas sim através da vivência, a partir de seu acontecer histórico. Durante as preleções, nos é apresentado que a experiência fática da vida é histórica, pois repercute em nosso modo de ser, podendo afetar diversos aspectos da nossa vivência. Essa situação, conduz a outro traço da nossa existência: o constante vir-a-ser.

Assim é na experiência vivenciada que Heidegger reflete sobre o modo de ser religioso cristão, que ao ser experienciada em uma abertura recíproca do fenômeno para o quem o vivencia e vice-versa, desvela a possibilidade de mudanças em relação ao como se vive.



O DESVELAR DA PROCLAMAÇÃO

Nesse momento vamos abordar a interpretação de Heidegger em relação à Epístola aos Gálatas, de autoria do Apóstolo Paulo em aproximadamente de 48 d.C. a 56 d.C., no qual é apresentado o relato histórico de sua vida, enfatizando o momento em que ele se converte ao Cristianismo. Além disso, considera-se que esse texto aos Gálatas é um documento que apresenta de maneira originária o desenvolvimento religioso do Apóstolo, conforme Pieper (2014, p. 125): “A escolha de Paulo não é aleatória. Heidegger busca um autor que se coloque, de certo modo, fora da tradição de pensamento grega, a fim de captar o estrito vínculo que há entre a vida fática e temporalidade”.

Heidegger, então, buscava refletir em relação à experiência fática da vida religiosa para além das teorias e de algum *a priori*. Essa tentativa fez com que ele se utiliza de maneira diferente o procedimento reflexivo. Há uma busca por fazer com que o texto religioso desvele as questões a serem debatidas no âmbito da Filosofia e não ao contrário (Pieper, 2014).

Em “Fenomenologia da vida religiosa”, é apresentado que para o entendimento do fenômeno religioso, é necessário refletir em relação ao seu sentido seguindo três direções, como abordado no §13: pelo sentido de conteúdo, onde reside o pelo **que** originário, experienciado no fenômeno; pelo sentido de referência, pelo **como** originário, ou seja, pelo que é experienciado; e pelo **como** originário no qual o sentido referencial é realizado (Heidegger, 2014). Tais colocações reforçam a importância da vivência situada no âmbito de uma dada religiosidade. Sendo assim é possível viver uma religiosidade fora desta referencialidade?

Há no modo de ser religioso uma necessidade de se buscar o pelo **que** pode suprir as necessidades de quem vive uma dada religiosidade, sejam elas as mais diversas. Como observamos no âmbito das formas religiosas e principalmente as monoteístas, tem-se a necessidade desse vivenciar junto-ao-outro no lugar (Pacheco Junior, 2020; Pacheco Junior, Bernardes, Maia, 2021), até porque outra importante característica do nosso modo de ser-no-mundo é sermos situados, diante dos entes e do mundo (Heidegger, 2018b, Marandola Jr., 2012, 2021). Entendendo o mundo como “aquilo em que “vive” um Dasein factual como

tal” (Heidegger, 2018b, p. 201).

Ressaltando que a situacionalidade não necessariamente, *a priori*, deve ser enquadrada como estática ou dinâmica. Apenas o tempo da vida fática, como é vivenciada, de certa maneira pode contribuir para a definição do caráter estático ou dinâmico de uma dada situação. É a partir do modo que ela é vivenciada que podemos refletir sobre o como da realização de uma dada religiosidade, bem como o seu desvelar.

Refletindo a relação do desvelar da religiosidade cristã, no seu compartilhamento com o outro na maneira do seu acontecer, é que Heidegger, ao interpretar a experiência fática da vida do Apóstolo Paulo na Epístola aos Gálatas, aborda o fenômeno da proclamação, iniciando tal debate a partir do §14.

No §15, é apresentado o como da conversão de Paulo ao cristianismo, não por uma tradição histórica, ou seja, transmitida por outro cristão, mas mediante uma experiência originária, sobrenatural, revelada pelo próprio Jesus Cristo a caminho de Damasco, como o Apóstolo descreve, “Porque eu nem recebi de homem, nem mo ensinaram, porém mediante a revelação de Jesus Cristo” (Gl. 1,12).

Assim, como interpreta Heidegger, Paulo passa a ter uma compreensão de seu si-mesmo e de seu ser-ai a partir dessa experiência. Ele experiencia o seu mundo-próprio em relação ao mundo circundante e ao mundo compartilhado. Essa vivência compartilhada junto à comunidade, associada à sua experiência fática religiosa contribui para que Paulo venha a apresentar o modo de ser religioso cristão para os outros: “Mas aprovou a Deus, que me separou desde o ventre da minha mãe, e me chamou pela sua graça, revelar seu Filho em mim, para que eu pregasse entre os gentios; imediatamente não consultei carne e sangue” (Gl.1, 15.16).

Esse anunciar chama a atenção de Heidegger, que no §20, discorre sobre o fenômeno da proclamação que “é então um fenômeno central” (Heidegger, 2014, p. 72). Na proclamação é fundamental o seu conteúdo, sua temática e a sua recepção pelo outro. O conteúdo servirá como referência para este outro não cristão. Aparece de maneira central a importância da fala abordado por Heidegger em “Ser e Tempo”: “A fala é um existencial originário da abertura, constituído primordialmente pelo ser-no-mundo, ela também deve possuir, em sua essência, um modo de ser especificamente mundano” (Heidegger, 2018a,



p. 224).

Essa comunicação não se constitui apenas em uma transposição de opiniões do que proclama para o outro que escuta. Como citado, ela contribui como abertura para que se desvele uma dada situação ou um dado modo de ser: nesse caso, o religioso. Não se pode desconsiderar que tão importante quanto a fala é a escuta desse outro para o qual é dirigida a proclamação, pois: “O escutar recíproco de um e outro, onde se forma e elabora o ser-com, possui os modos possíveis de seguir, acompanhar e os modos privativos de não ouvir, resistir, fazer frente a, defender-se” (Heidegger, 2018a, p.226).

Sendo assim a escuta é constitutiva da fala e no ato de escutar estamos abertos para o existencial do *Dasein*, enquanto ser-com os outros. O escutar constitui até mesmo a abertura primordial e própria do *Dasein* para o seu poder-ser mais próximo (Heidegger, 2018b).

A partir da proclamação e do desvelar do modo de ser cristão, Heidegger nos apresenta outra importante situação no refletir em relação a um dado modo de ser religioso: como o que proclama se coexperiencia no outro que se abre para a vivência religiosa cristã?

O VIR-A-SER A PARTIR DO TER-SE-TORNADO

A experiência vivida por quem proclama a religiosidade cristã é interpretada por Heidegger a partir dos escritos do Apóstolo Paulo na Primeira Epístola aos Tessalonicenses, datada de 53 d.C. Este é considerado o documento mais antigo do Novo Testamento da Bíblia Cristã.

No §25 é interpretada a vivência da Paulo com os outros, em comunidade na região de Tessalônica. A experiência do Apóstolo com os tessalonicenses, ocorre segundo duas determinações: ao experienciar o seu ter-se-tornado (*Gewordensein*), além de experienciar que eles (os habitantes de cidade), têm um saber do seu ter-se-tornado (Heidegger, 2014). Esses fatos são fundantes, pois essa vivência, faz com que Heidegger, venha a recorrer ao próprio Novo Testamento bíblico, no qual ele encontra, “na sua pureza original, num estado mínimo de teorização, a compreensão cristã da vida” (Mac Dowell, 1993, p. 127).

Assim, os que compartilhavam com Paulo o modo de ser religioso cristão, tinham seu ter-se-tornado, que também era um ter-se-tornado do Apóstolo. Heidegger (2014, p.83),

aborda que “ao escrever, Paulo os vê como aqueles em cujas vida ele mesmo entrou. Seu ter-se-tornado está unido com seu entrar em suas vidas”. Nessa situação, podemos refletir que os tessalonicenses e Paulo, estão mutuamente unidos no ter-se-tornado, compartilhando as experiências vivida nesse mundo, onde essa ligação reforça o nosso de caráter de ser-com o outro. Esse é um dos caminhos que podem contribuir para pensarmos na constituição de uma dada comunidade religiosa.

Esse sentido de comunidade é fundamental na religiosidade cristã⁷, na qual, a partir do fenômeno da proclamação e a sua aceitação por parte do outro, conduz ao como da postura da vida cristã, afetando, conseqüentemente, o como do comportar-se na vida fática e o modo como se vivência o mundo-próprio de cada um, o mundo circundante e o mundo compartilhado. Essas mudanças ocorrem, pois, “o ter-se-tornado não é, pois, um acontecimento qualquer na vida, mas é co-experenciado continuamente de modo que seu ser no agora presente é seu ter-se-tornado. Seu ter-se-tornado é seu ser no agora presente” (Heidegger, 2014, p.84).

Essa mudança no modo do comporta-se na vida fática, como apresentado no §25 da Fenomenologia da vida religiosa, é impulsionado pelo fato de que os que aceitam a proclamação, seu conteúdo e referencial, entram em uma vivência com nexos efetivos com Deus. Neste sentido, quando do vivenciar seu ter-se-tornado, há por parte daquele que se converte ao cristianismo, uma virada na sua vida fática, voltando-se para Deus, tanto para servi-lo, quanto para o esperá-lo (Heidegger, 2014).

Referindo-se à escrita de Paulo aos tessalonicenses, Heidegger aborda que o ter-se-tornado é, ao mesmo tempo, um novo vir-a-ser. Esse novo vir-a-ser em sua cotidianidade nunca se completa, pois é necessário sempre um complemento, pois o nosso modo de ser sempre será deficiente, sendo necessária constantemente uma maior ligação com Deus, como observado na escrita de Paulo: “orando insistentemente dia e noite, para que possamos ver o vosso rosto e aperfeiçoarmos o que falta a vossa fé?” (1.Ts.3,10).

Esse constante completar no âmbito da experiência fática da vida cristã, começa com a proclamação. Com isso, a conexão do cristão com o mundo circundante se dará mediante as significâncias da vida que permanecem, porém surge um novo comportamento pelo

⁷ Como exemplo podemos citar as missas no âmbito do catolicismo e dos cultos no ramo protestante.



“novo” cristão (Heidegger, 2014).

O novo comportar-se é uma das características da experiência cristã originária da vida como apresentado no título do capítulo 5 da Fenomenologia da vida religiosa. No §30, tem-se a reflexão em relação à vivência a partir da aceitação da proclamação, na qual, mediante os apontamentos paulinos, interpreta-se que a vida cristã será sempre realizadora conduzindo a e sendo realizada por Deus. Assim, os que viverem a temporalidade realizadora para Ele, entenderão a eternidade.

Para o cristão a significância do mundo circundante será em bens temporais, mediante o ter-se-tornado, na eternidade e na espera da *parousia* (presença), ou seja, na expectativa do retorno de Jesus Cristo. Porém, em relação a vida após o ter-se-tornado é preciso que se deva “prestar atenção de que esta sempre é ‘dificultada’, de que esta sempre é realizada nas ‘tribulações’ ” (Heidegger, 2014, p. 108). Nesse contexto, existe uma constante “luta” contra as significâncias consideradas mundanas que levariam ao nada, que na dogmática cristã, é a absoluta ausência do ente fora de Deus que leva a oposição entre o nada e o *summum ens (ens increatum)*⁸ (Heidegger, 1969).

Nos § 31 e 32, ainda abordando o modo de ser da religiosidade cristã, Heidegger se vale da interpretação da Segunda Epístola aos Tessalonicenses, para apontar que o cristão deve possuir a consciência de que a facticidade cristã apenas é alcançada a partir da vontade procedente de Deus, o fenômeno da graça. Pois o cristão, em si, não teria forças suficientes para tal. No entanto “é essencial que proclamação permaneça aí sempre conjuntamente viva, não somente em recordação e agradecida” (Heidegger, 2014, p.105), faz-se necessária a busca pela graça proveniente de Deus para a realização da experiência fática da vida cristã.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As preleções que constituem a obra Fenomenologia da vida religiosa, datam do período inicial da docência de Heidegger. Por meio destas ele buscou refletir sobre o fenômeno religioso de maneira que fosse utilizada o mínimo possível de teorizações.

Vattimo (1996), apresenta que a questão religiosa, foi de grande importância para a

⁸ Tradução livre do latim: Ser mais elevado, (Ser increado), faz referência a Deus como Ser criador.

compreensão em relação ao horizonte teórico de “Ser e Tempo”. Essa problemática sendo desenvolvida mediante aos escritos do Novo Testamento da Bíblia, mais especificamente as epístolas escritas pelo Apóstolo Paulo e através da reflexão das obras de Kierkegaard, Lutero, Agostinho e Calvino.

Assim, o seu intento ao interpretar os escritos que compõem as epístolas paulinas, foi pensar a vivência originária da experiência fática religiosa cristã. Esse experienciar deve ocorrer no cotidiano para que o fenômeno venha a se desvelar, porém, está não ocorre de maneira apenas individualizada, há no contexto da vivência religiosa, o relacionamento com o outro.

Este estar-junto ao outro, se dá cotidianamente no mundo. A característica que possuímos de ser-com, conduz-nos ao compartilhamento da vivência. Nesse âmbito desvela-se a significância, de maneira distinta para cada um.

Com isso, esse experienciar da vida fática cristã, tem como um dos fenômenos centrais – a proclamação – pois a partir dele, do seu conteúdo e referências, se possibilita o compartilhamento de ideias que por sua vez, contribui para a aceitação do modo de vida cristã por aqueles não-cristãos.

Tal contexto contribui para o nosso entendimento em relação ao vir-a-ser no cotidiano. Esse “novo” modo de ser, ocorre na vivência com o outro, onde no âmbito da experiência fática religiosa, ambos experienciam o seu ter-se-tornado com o outro, o que contribui para a vivência em comunidade.

Destaca-se também a necessidade de um buscar sempre na realização da vida, pois a vida cristã apresenta a deficiência de nunca ser completa, há sempre a necessidade de complemento, onde a sua busca ocorre na luta da vida cotidiana, mediante a graça concedida por Deus.

Como citamos no início deste artigo, apensar de Heidegger enfatizar a reflexão nas epístolas paulinas da Bíblia cristã, os aspectos interpretados na obra ocorrem nas mais diferentes formas de religiosidade, até porque, o compartilhamento do modo religioso com o outro é um dos aspectos fundamentais do desvelar da experiência fática religiosa.



REFERÊNCIAS

BÍBLIA. “Gálatas”. Português. In: **Bíblia King James 1611**. Tradução de Esdras Bento e Cláudio Rodrigues. Niterói: BV Books Editora, 2023. p. 1823-1832.

BÍBLIA. “1 Tessalonicenses”. Português. In: **Bíblia King James 1611**. Tradução de Esdras Bento e Cláudio Rodrigues. Niterói: BV Books Editora, 2023. p. 1875-1880.

BÍBLIA. “2 Tessalonicenses”. Português. In: **Bíblia King James 1611**. Tradução de Esdras Bento e Cláudio Rodrigues. Niterói: BV Books Editora, 2023. p. 1885-1888.

HEIDEGGER, Martin. **Que é Metafísica?** São Paulo: Duas Cidades, 1969.

HEIDEGGER, Martin. **Fenomenologia da vida religiosa**. trad. Enio Paulo Giachini / Jairo Ferrandin / Renato Kirchner. Petrópolis: Editora Vozes / Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2014.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. trad. Marcia Sá Cavalcante. Petrópolis: Editora Vozes / Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2018a.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. trad. Fausto Castilho. Campinas: Ed. UNICAMP, 2018b

HEIDEGGER, Martin. **Fenomenologia e Teologia**. Livraria Press, 2024.

JULIÃO, Claudiléia Cavaleiro; KIRCHNER, Renato. “A fenomenologia da religião heideggeriana e a explicação fenomenológica da Epístola aos Gálatas”. In: **Revista Eletrônica Correlatio** v. 15, n. 1, 2016. p. 171-193.

KIRCHNER, Renato. “Experiência fática da vida e fenomenologia da religião em Martin Heidegger”. In: *Anais dos Simpósios da ABHR, Religião, carisma e poder: As formas da vida religiosa no Brasil*, vol. 13, São Luís: UFMA, 2012.

MAC DOWELL, João A. **A Gênese da ontologia fundamental de Martin Heidegger. Ensaio de caracterização do modo de pensar de Sein und Zeit**. São Paulo: Loyola, 1993.

MARANDOLA Jr, Eduardo. “Lugar enquanto circunstancialidade”. In: MARANDOLA Jr, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia. **Qual o espaço do lugar? Geografia, epistemologia e fenomenologia**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 2012.

MARANDOLA Jr, Eduardo. **Fenomenologia do ser-situado. Crônicas de um verão tropical urbano**. São Paulo: Editora UNESP, 2021.

PACHECO JUNIOR, Nelson Cortes. **Da capital às tabancas: A lugaridade entre os guineenses e os missionários protestantes em Guiné-Bissau**, 2020. Dissertação (Mestrado em Geografia). Campos dos Goytacazes: Instituto de Ciências da Sociedade e **CADERNOS PET**, V. 15, N. 29



Desenvolvimento Regional / Universidade Federal Fluminense, p.164.

PACHECO JUNIOR, Nelson Cortes; BERNARDES, Antonio; MAIA, Felipe Rodrigues de Almeida. “Provetá: a Assembleia, em um lugar de Deus”. In: **Tempo da Ciência**, v.28, n.55, 2021.

PIEPER, Frederico. “Filosofia e teologia em Heidegger. Notas sobre a conferência Fenomenologia e teologia de 1927”. In: **Numen: revista de estudos e pesquisa da religião**, v. 17, n. 2, 2014. p. 99-134.